

REPRESENTATIVIDADE LGBTI+: UMA INTERSECÇÃO ENTRE A LITERATURA E O AUDIOVISUAL EM UM CLUBE DE LEITURA JUVENIL LGBTI+

MANOELA MACHADO VAZ¹; CAMILA CORRÊA PIERZCKALSKI²; FELIPE CARDOSO LEITE³; MARCIO CAETANO⁴

¹Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – manoelamachadovaz@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul – camilapedagogabpp@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – felipec.zero@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – mrvcetano@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na minha vida nunca houve uma representatividade LGBTI+¹ significativa, nem um personagem com que pudesse me ver representada e que me auxiliasse na compreensão dos meus sentimentos, essa realidade não se configura na ausência desses personagens, mas muito pela falta de acesso que tive à eles. Até os meus 11 anos eu nem tinha conhecimento sobre o que era ser LGBTI+, não sendo uma temática exposta espontaneamente entre meu microcosmo social (família, amigos, etc.), e o único contato que tive, era com o discurso de minha avó que reforçava o quão errado era ser “*assim*”.

Recentemente, assisti à obra *Brokeback Mountain* (2005), que aborda as dificuldades de Jack Twist e Ennis Elmar em lidar com sua homossexualidade e a homofobia internalizada. Ao tentar ver o filme pela primeira vez, não consegui terminá-lo, interrompendo-o diversas vezes até conseguir assistir completo na terceira tentativa. A forma com que a homofobia é retratada no filme sempre chegava muito perto do que era reforçado entre meus familiares, e me constrangia, por já ter pensado ou passado por algo parecido, mesmo que eu não compreendesse essa violência como *homofobia*, ainda me inculcava o questionamento de “como duas pessoas do mesmo gênero poderiam se beijar?”

A partir do contato com essa obra, passei a me questionar e me compreender, rompendo com as expectativas da cultura heterocissexista (QUINALHA, 2023) sobre mim e, em uma tentativa de aprofundar essas reflexões, me inscrevi e fui selecionada como bolsista do Ensino Médio de Iniciação Científica no Clube de Leitura LGBTI+ “*Conectades*”. Esse projeto faz parte da pesquisa de mestrado ainda em andamento “*Clube de Leitura LGBTI+: juventudes, subjetividades e literaturas dissidentes*” da mestranda Camila Pierzckalski (2023-2025), orientada pelo Prof. Dr. Marcio Caetano e integra a agenda de projetos do POC’s² vinculado ao PPGE da UFPEL³ em parceria com o GEERGE⁴ do PPGEDU da UFRGS⁵ e a Biblioteca Pública Pelotense.

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, pessoas Intersexo, e o sinal de “+” compreendendo o não engessamento da sigla às conformidades binárias e heterocisnormativas. (QUINALHA, 2023)

² Grupo de Pesquisa Política de Corpos, Cotidianos e Currículos.

³ Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

⁴ Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero.

⁵ Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Busquei me integrar a um ambiente que democratiza o acesso a livros com personagens LGBTI+ para jovens de Pelotas e região (RS) e promove a troca de vivências *queer*⁶. Desde antes de conhecer o projeto, intencionava encontrar um espaço onde pudesse me identificar com as experiências de outras pessoas e aprofundar a compreensão sobre minha identidade LGBTI+.

Dito isso, esse artigo tem por objetivo relatar como a representatividade LGBTI+ na literatura juvenil contemporânea, interseccionada com a produção audiovisual tem impactado nas discussões sobre o processo de autoafirmação dos jovens inseridos no Clube de Leitura LGBTI+ “*Conectades*”.

Para alcançar esse objetivo, delimitei os seguintes objetivos específicos: (1) Observar as percepções dos jovens participantes do Clube sobre a representatividade LGBTI+ em obras de literatura juvenil contemporânea e produções audiovisuais; (2) Registrar como a intersecção entre literatura e produção audiovisual LGBTI+ influencia no desenvolvimento de sentimentos de pertencimento entre esses jovens.

2. METODOLOGIA

O seguinte relato de experiência (MUSSI, FLORES e ALMEIDA, 2021) se passa entre os meses de agosto e setembro de 2024, os encontros do Clube de leitura são realizados semanalmente, e temos previsto 16 encontros até o fim do projeto. São realizados na Biblioteca Pública Pelotense, localizada na cidade de Pelotas (RS), mediados pela responsável técnica, que começa sempre provocando os participantes a lerem em voz alta alguma frase e justificar o impacto que ela teve para a pessoa, conduzindo o debate a partir daí.

O projeto conta com o total de 10 jovens entre 15 e 21 anos de idade, estudantes e/ou egressos da rede pública de ensino do município já citado, todos eles se identificando com sexualidades ou identidades de gênero dissidentes, sendo pouco ou mais ativos politicamente nas atividades da comunidade LGBTI+.

Esse relato compreende os primeiros 4 encontros do Clube, englobando a apresentação e os 3 dias de debate sobre a primeira leitura, “*Conectadas*” da autora brasileira Clara Alves (2019). As reflexões aqui apontadas advêm da minha percepção dos relatos e vivências apontadas em meu diário de campo e anotações espontâneas durante as interações no Clube. Para fins éticos, nenhuma fala foi gravada nem transcrita, a identidade dos participantes será mantida anônima, e qualquer necessidade de relato direto será realizado a partir do meu ponto de vista como observadora implicada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro livro lido no Clube, se chama *Conectadas* da autora brasileira Clara Alves (2019) e narra a história de duas jovens que se conhecem no bate papo de um jogo de RPG⁷ online, uma das personagens, Raissa, usa uma

⁶ Palavra de língua inglesa utilizada de forma pejorativa para identificar pessoas consideradas “estranhas”, foi sendo ressignificada e atualmente é associada àqueles que não se identificam com os padrões heterocissexistas.

⁷ Role Playing Game - Jogo de Interpretação de Papeis, um tipo de jogo em que o jogador interpreta um personagem com emoções, falas e habilidades.

identidade masculina para jogar e acaba se envolvendo romanticamente com a outra protagonista, Ayla. Tendo a oportunidade de se encontrarem pessoalmente em uma feira da desenvolvedora do jogo, Raissa percebe a enrascada que criou para si ao enganar Ayla e vai precisar encarar seu medo de assumir sua sexualidade e ainda contar a verdade sobre sua identidade para Ayla.

Esse livro foi escolhido no intuito de refletir sobre a identidade falsa masculina ser usada para facilitar o jogo para Raissa, já que quando ela criou um personagem feminino sofreu muita discriminação, ao mesmo tempo que traça um paralelo com os processos de autoafirmação de identidades dissidentes, em que muitas vezes, nos vemos obrigadas a esconder nossos gostos, afetos e modos de expressar nossos gêneros, para garantir nossa sobrevivência.

A intersecção entre literatura e audiovisual é traçada por uma linearidade nos discursos sempre que falávamos do livro, principalmente no que tange a construção de personagens, assim como as narrativas, trazendo exemplos do cinema e das séries das plataformas de *streaming*⁸ para, de forma didática, ilustrar o que nos mobiliza e possibilita formar significados vários sobre nossas próprias vivências como pessoas LGBTI+.

No exercitar semanal das leituras e discussões mediadas do clube, eu comecei a ensaiar uma melhor compreensão de qual seria a real importância da representatividade nessas mídias para pessoas, que, como eu, ainda se encontram em processo formativo, e como a ausência dessas representações podem afetar o desenvolvimento social e psicológico (SILVA *et al.*, 2021, p. 2648), principalmente entre aqueles que rompem com os discursos sociais produzidos no intuito de regular e que normatizam, historicamente, esse ideal de sexualidade — heterossexual — e de performatividade de gênero — cisgênero (FOUCAULT, 2023).

A maioria das pessoas no Clube, relata suas dificuldades de crescer num ambiente cisheteronormativo, assim como, na dificuldade de acessar mídias físicas e/ou digitais que representem o que é ser jovem pertencente à minorias sociais. Todas essas questões afetam muito o nosso desenvolvimento, e principalmente no que tange a identificação das violências, cada vez mais sutis que sofremos, mesmo quando não nos “assumimos” publicamente.

Em cada detalhe de nosso cotidiano, somos atravessados pela LGBTI+fobia, e, essa violência sutil, “inofensiva” — algo que discutimos muito durante a leitura do livro “Conectadas” (ALVES, 2019) — é responsável pela “culpa”, culpa de saber que tem algo “diferente” e “errado” conosco. A consciência sobre isso nos leva a sentir o peso das expectativas sociais que culminam na tentativa de reprimir esses sentimentos.

Existe um imaginário muito bem estabelecido pelas mídias, principalmente no audiovisual e hoje com as redes sociais, sobre como será a vida de alguém que se autoafirmar LGBTI+ e venho percebendo junto das leituras e das discussões e mediações no Clube, um sentimento comum, — o medo — medo da

⁸ Uma plataforma de *streaming* é um serviço que permite transmitir e reproduzir conteúdo, como vídeos, música ou jogos, através da internet.

falta de aceitação alheia advinda principalmente do rompimento das expectativas familiares, nos prendendo à necessidade de atender essas expectativas, nos fazendo crer que o caminho mais assertivo é o de supressão e conformidade.

É a partir dessa compreensão, desse sentimento comum de tentar “esconder” ou adiar o confronto com as sexualidades e identidades dissidentes, que a literatura e o audiovisual se interseccionam, como partes significativas na construção desse imaginário social do que é ser e viver como pessoa LGBTI+, essas representações podendo reforçar ideias excludentes, ou ressignificar nossos processos de autoafirmação orgulhosa de nossas sexualidades e identidades de gênero.

4. CONCLUSÕES

Quando eu releio meu diário de campo do Clube, reparo no impacto positivo que o movimentar reflexivo propiciado pelas leituras tem proporcionado, não só na minha vida, mas como na dos demais participantes. Ter acesso às mídias, tanto literárias como audiovisuais, e poder nos ver representados nelas, mexe conosco, nos faz olhar para nossos processos com mais afeto. Esse movimento que intersecciona literatura e filmes/séries LGBTI+ nos faz (re)imaginar um mundo de possibilidades, “além de criar um senso de comunhão” entre nós, um “contraponto às referências mais tradicionais da cultura heterocissexista” que historicamente trabalha para nos isolar e invisibilizar. O espaço físico do encontro que o Clube fomenta, ao nos colocar junto de outros como nós, traz à luz nossa “necessidade de se afirmar” e o potencial de “construção de uma identidade subjetiva e coletivamente compartilhada” (QUINALHA, 2023, p. 21-22).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Clara. **Conectadas**. São Paulo: Seguinte, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: Volume 1 - A Vontade de Saber**. São Paulo: Paz & Terra, 2023.

LEE, Ang. **Brokeback Mountain**. Estados Unidos: Europa Filmes, 2005. Filme. 134 min.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relatos e experiência como conhecimento científico**. *Práxis, Bahia*, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SILVA, José Carlos Pacheco da; CARDOSO, Rodrigo Ribeiro; CARDOSO, Ângela Maria Rosas; GONÇALVES, Renato Santos. **Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência**. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S. l.], v. 26, n. 7, p. 2643-2652, jul. 2021.